

# O TESTEMUNHO INDIVIDUAL E COLETIVO EM “O MANUAL DOS INQUISIDORES”, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

THE INDIVIDUAL AND COLLECTIVE TESTIMONY IN "THE MANUAL OF INQUISITORS", BY ANTÓNIO LOBO ANTUNES

EL TESTIMONIO INDIVIDUAL Y COLECTIVO EN “EL MANUAL DE LOS INQUISIDORES, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

*Carlos Giovanni Dutra Del CASTILLO\**

**Resumo:** este artigo propõe uma visão teórica sobre a memória e o testemunho no romance “O Manual dos inquisidores”, de António Lobo Antunes. Esta obra literária aborda aspectos traumáticos da história portuguesa: a ditadura de Salazar e a consequente Revolução dos cravos que acabou derrubando o governo ditatorial vigente, nos anos 70. Os personagens atuam como testemunhas dos eventos e conduzem o fio narrativo, com os eventos históricos como pano de fundo. Dessa forma, os teóricos Paul Ricoeur e Beatriz Sarlo auxiliam na análise da temática do testemunho e da memória, cujo teor marca toda a narrativa de Lobo Antunes.

**Palavras-chave:** o testemunho; romance histórico português; memória individual e coletiva.

**Abstract:** This article proposes a theoretical view on memory and testimony in António Lobo Antunes' novel *The Manual of Inquisitors*. This literary work deals with the traumatic aspects of Portuguese history: the dictatorship of Salazar and the consequent Revolution of the Carnations that ended up overthrowing the dictatorial government in force in the 70's. The characters act as witnesses of the event and lead the narrative thread, with the historical events as background. Thus, the theorists Paul Ricoeur and Beatriz Sarlo help in the analysis of the subject of testimony and memory, whose content marks the entire narrative of Lobo Antunes.

**Keywords:** testimony; portuguese historical novel; individual and collective memory.

**Resumen:** este artículo propone una visión teórica sobre la memoria y el testimonio en la novela "El Manual de los inquisidores", de António Lobo Antunes. Esta obra literaria aborda aspectos traumáticos de la historia portuguesa: la dictadura de Salazar

---

\* Mestre em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande. Doutorando em História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande. Contato: giovanidelcastillo@gmail.com.

y la consiguiente Revolución de los claveles que acabó derribando al gobierno dictatorial vigente en los años 70. Los personajes actúan como testigos de los acontecimientos y conducen el hilo narrativo, con los eventos históricos como trazo de fondo. De esta forma, los teóricos Paul Ricoeur y Beatriz Sarlo ayudan en el análisis de la temática del testimonio y de la memoria, cuyo contenido marca toda la narrativa de Lobo Antunes.

**Palabras clave:** el testimonio; novela histórica portuguesa; memoria individual y colectiva.

Em “O manual dos inquisidores” o contexto histórico do romance nos remete à ditadura de Salazar<sup>1</sup> e também na consequente Revolução dos Cravos<sup>2</sup>. Lobo Antunes faz um retrato social desse

---

<sup>1</sup>Antonio de Oliveira Salazar (1889 - 1970) foi um professor e político português. Figura máxima do chamado "Estado Novo Português", é o dirigente português que mais tempo permaneceu no poder. Após o golpe militar de 1926, o qual derruba o governo republicano, foi estabelecido uma ditadura no país. No ano de 1932, Salazar tornou-se primeiro-ministro das finanças e, tempos depois, ditador. Salazar instalou um regime inspirado no fascismo italiano. As liberdades de reunião, de organização e de expressão foram suprimidas com a Constituição de 1933.

<sup>2</sup> Em 1968, Salazar sofreu um derrame cerebral e foi substituído por seu ex-ministro Marcelo Caetano, que prosseguiu com sua política. A decadência econômica e o desgaste com a guerra colonial provocaram descontentamento na população e nas forças armadas. Isso favoreceu a aparição de um movimento contra a ditadura. Foi o movimento popular, com apoio de militares rebeldes, que derrubou o regime salazarista em Portugal, em 1974. O movimento representou aos portugueses: democratização, descolonização e desenvolvimento. A revolta também foi uma consequência dos 13 anos de guerra colonial, na qual os portugueses enfrentaram os movimentos de libertação nas suas colônias de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. No dia 25 de abril de 1974, explode a revolução. A senha para o início do movimento foi dada à meia-noite, através de uma emissora de rádio, a senha era uma música proibida pela censura, Grândula Vila Morena, de Zeca Afonso. Os militares fizeram com que Marcelo Caetano fosse deposto, o que resultou na sua fuga para o Brasil. A presidência de Portugal foi assumida pelo general António de Spínola. A população saiu às ruas para comemorar o fim da ditadura de 41 anos e distribuiu cravos, a flor nacional, aos soldados rebeldes, em forma de agradecimento. Como resultado, os partidos políticos, inclusive o Comunista, foram legalizados e a Pide, a temida polícia política do salazarismo, foi extinta. O novo regime colocou Portugal em agitação revolucionária. No entanto, Spínola fracassou em sua tentativa de controlar a força política e militar da esquerda e renunciou em setembro de 1974. O governo passou então a ser dominado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), fortemente influenciado pelo Partido Comunista. Nesse meio tempo, Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau obtiveram independência.

momento histórico tão emblemático para Portugal, no qual uma série de personagens viveu essa transição do regime político e o ser humano aparece em múltiplos aspectos e contornos psicológicos latentes: a vaidade, o poder, a frustração, a resignação, a fraqueza, a desilusão e o desamparo, a ascensão e a degradação. Fatores psicológicos e morais dos personagens constituem, então, o palco das relações narrativas, estabelecidas por Lobo Antunes.

A narrativa gira em torno da história sobre um influente ministro do antigo regime de Salazar, chamado Francisco, quem fora traído e abandonado pela sua mulher e que, após algum tempo se resigna, abusando do seu poder e tendo casos com as empregadas de seu sítio em Palmela, onde recebia Salazar para orientações de como governar o país. Ele acaba em um lar de idosos, na sua fase de decadência, depois de ter se isolado durante o período da revolução, no seu sítio, lutando contra a “ameaça comunista” e colocando todos os seus empregados na rua. O protagonista possui dois filhos: João, fruto do seu casamento, que cresce desamparado e medíocre, e Paula, nascida da aventura com a cozinheira e que é dada aos cuidados de uma viúva.

Entretanto, a riqueza do romance reside no fato de que vários personagens, (não só os supracitados) narram a história em primeira pessoa, não havendo narrador onisciente. Ou seja, Lobo Antunes arquiteta, de tal maneira a trama, que todos os personagens têm relação, de parentesco ou não, com Francisco, o que de certo modo, a partir deste elo, as envolve num círculo muito íntimo com o próprio governo salazarista. Além disso, cada personagem, isto é, cada voz que vem falar, traz consigo outras histórias paralelas, uma vez que abordam, em constantes analepses (deslocamentos temporais ao passado), vivências passadas e presentes, entrelaçando-as, por exemplo, com o que disse a personagem anterior e o que dirá a personagem que a seguir for falar.

As vozes mais presentes são do ministro Francisco, da sua Governanta Albertina, do filho João e da filha Paula, e também da sua amante Milá. Mas todos estes personagens trazem consigo outras vozes que enriquecem não uma trama, mas uma vivência humana e o estado psicológico profundo dessas pessoas, as quais atravessaram um momento conturbado da história portuguesa. Cada uma dessas vozes,

dessas vivências acabam sendo a voz de um setor da sociedade, nesse momento histórico.

Em outras palavras, o romance “O manual dos inquisidores” evidencia um entrelaçamento da história oficial (ditadura e Revolução dos Cravos) com as reminiscências e estados psicológicos dos personagens, assim como proporciona uma visão social de cada um, seja como opressor ou oprimido que compartilha a visão direitista da classe dominante. E quem representa o domínio salazarista, enquanto protagonista da narrativa, é Francisco, o ministro muito poderoso nesse regime ditatorial:

[...] um homem a quem toda gente obedecia em Lisboa, com quem o professor Salazar se aconselhava para dirigir Portugal, que mandava prender os que lhe desagradavam e soltar os que lhe apetecia sem necessidade de abandonar o escritório, discava o aparelho e pronto [...] (ANTUNES, 1998, p. 153).

### **Uma introdução às ideias sobre testemunho, memória e seus desdobramentos coletivos no romance, através dos teóricos Sarlo e Ricoeur**

Com o romance “O manual dos inquisidores”, Lobo Antunes toca em uma ferida latente na história portuguesa: a ditadura de Salazar e a conseqüente Revolução dos Cravos funcionam como pano de fundo para rememorar, através dos personagens envolvidos na trama, esse tempo passado que foi bastante conflituoso para os portugueses, gerando testemunhos e traumas que habitam o inconsciente coletivo dessa nação. Beatriz Sarlo é uma das estudiosas que aborda sobre o tempo passado, a memória e o testemunho. Ela nos aponta como que rememorar pode ser conflituoso:

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum (SARLO, 2007, p. 11).

Além disso, a autora pontua que não só devemos olhar para a história ou a memória com certa reserva, como também a maneira ou forma de rememorar passa por um direcionamento do discurso que se pretende construir para abranger uma história ou conjunto de memórias acerca de um fato ocorrido:

Não se trata simplesmente de uma questão da forma do discurso, mas de sua produção e das condições culturais e políticas que o tornam fidedigno. Muitas vezes se disse: vivemos na era da memória e o temor ou ameaça de uma “perda de memória” corresponde, mais que à supressão efetiva de algo que deveria ser lembrado, a um “tema cultural” que, em países onde houve violência, guerra, ou ditaduras militares, se entrelaça com a política (SARLO, 2007, p. 11).

Assim, não só questões políticas e culturais formam parte de um discurso pretensamente histórico como a própria concatenação do discurso, criado por um sujeito que pode ser testemunha dos fatos e suas experiências afetarão a maneira de relembrar o ocorrido, por exemplo. E como os personagens do romance é que narram a história, ao se somar a visão de todos os que participam no processo, passa-se de uma memória individual para uma visão coletiva sobre os fatos. É a pretensão de Lobo Antunes de testemunhar da forma mais abrangente possível. Mas Sarlo faz uma ressalva:

Justamente o discurso da memória e as narrações em primeira pessoa se movem pelo impulso de bloquear os sentidos que escapam; não só eles se articulam contra o esquecimento, mas também lutam por um significado que unifique a interpretação. No limite está a utopia de um relato “completo”, do qual nada reste do lado de fora. A tendência ao detalhe e ao acúmulo de precisões cria a ilusão de que o concreto da experiência passada ficou capturado no discurso (SARLO, 2007, p. 50).

Em outras palavras, traduz-se na pretensão de um discurso fidedigno com a experiência vivida, no entanto, as próprias limitações da linguagem deixam o relato “incompleto”. Lobo Antunes, mesmo assim, consegue enumerar muitas memórias que se complementam nas vozes dos personagens, assim como faz do detalhe um elemento que

torna a memória um pouco mais confiável para o leitor. Sarlo fala a respeito:

A proliferação do detalhe individual fecha ilusoriamente as fendas da intriga e apresenta como se ela pudesse ou devesse representar um todo, algo completo e consistente porque o detalhe o certifica, sem ter de mostrar sua necessidade. Além disso, o detalhe reforça o tom de verdade íntima do relato [...]

Já Paul Ricoeur amplia e condiciona a noção de memória ao fato de que a subjetividade de quem se lembra de algo se configura não só nas bases da experiência do vivido como também há contornos de imaginação que impregnam-se no exercício da lembrança. E esta seria uma mera “reprodução” do lembrado:

Surge então [...] a questão de saber em que condições a ‘reprodução’ é reprodução do passado. É da resposta a essa questão que depende a diferença entre imaginação e lembrança (RICOEUR, 2007, p. 53).

Seu conceito de lembrança corrobora o fato de que ela é afetada por diferentes elementos subjetivos que são inatos a todos e trabalhamossas memórias ao longo do tempo, acrescentando nelas hábitos apreendidos:

A lembrança não consiste mais em evocar o passado, mas em efetuar saberes apreendidos, arrumados num espaço mental. Em termos bergsonianos, passamos para o lado da memória-hábito. Mas essa memória-hábito é uma memória exercitada, cultivada, educada, esculpida [...] (RICOEUR, 2007, p. 53).

Por isso, e ele concorda com Sarlo, rememorar algo passa pelas ações subjetivas que nos influenciam, pelas experiências que acumulamos e por uma carga simbólica que se constrói através de um discurso, que como tal, narra identidades moldadas pelas ações que expressamos. Inclusive Ricoeur exemplifica esse processo na escrita literária:

No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos

recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação, ao mesmo tempo que os contornos da própria ação (RICOEUR, 2007, p. 53).

Nesse sentido, Lobo Antunes forja personagens que usam suas memórias como forma identitária de alavancar uma ideologia ou outra, naquele embate político que dividia, naquela época, aos portugueses: por um lado, está a grande maioria dos personagens do romance que defendem uma visão da direita política, mais conservadora e imbricada em apoiar o antigo regime totalitário de Salazar; por outro, a Revolução dos Cravos contrapunha com a visão de esquerda política, em que os comunistas tomam o poder e isso repercute nas reminiscências dos personagens do romance.

Finalmente, vale ressaltar outro viés teórico importante, trazido por Paul Ricoeur, pois esses personagens de Lobo Antunes compartilham, desde suas memórias individuais, traços que complementam a memória um do outro. Por exemplo, um personagem lembra de um fato ocorrido e dá sua versão, logo, no capítulo seguinte, outro personagem dá uma nova versão sobre o mesmo fato. O que faz com que a memória individual se exteriorize, de certa forma, a ponto de ser compartilhada ao leitor por mais de uma reminiscência. Portanto temos um deslocamento de uma memória individual para uma coletiva, compartilhada por mais de um personagem da trama. Ricoeur elucida e traz a tona:

[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupo e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios [...] (RICOEUR, 2007, p. 134).

Dessa forma, Ricoeur demonstra que entre um “eu” (memória individual) e um “outro” (memória coletiva) há ainda o que ele chama de “próximos”, ou seja, são aquelas pessoas que nos conhecem bem (família, amigos) e podem atestar uma lembrança de uma forma

bastante particular, o que denota essa memória interposta entre o indivíduo e a sociedade em si:

Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros [...] Assim, a proximidade seria a réplica da amizade, dessa *philia*, celebrada pelos Antigos, a meio caminho entre o indivíduo solitário e o cidadão definido pela sua contribuição à *politeia*, à vida e à ação da *polis* [...] meus próximos são aqueles que me aprovam por existir e cuja existência aprovo na reciprocidade e na igualdade da estima. A aprovação mútua exprime a partilha da afirmação que cada um faz de seus poderes e de seus não-poderes, o que chamo de atestação em *Si mesmo como um outro* [...] Portanto, não é apenas com a hipótese da polaridade entre memória individual e memória coletiva que se deve entrar no campo da história, mas com a de uma tríplice atribuição: a si, aos próximos, aos outros (RICOEUR, 2007, p. 141-142).

Percebemos no romance que as estratégias narrativas usadas por Lobo Antunes visam a ampliar a percepção do leitor nesse jogo de verossimilhança que envolve um passado traumático para Portugal e resgatado através: do uso da primeira pessoa (vários personagens narrando), entrecruzando noções históricas sobre a ditadura salazariana e a Revolução do Cravos com detalhes pessoais, trazidos da memória de cada personagem que vivenciou esse período tão tenso- e as memórias individuais se cruzam com as memórias coletivas, com a noção ricoeuriana dos “próximos”, que são justamente os personagens que conhecem uns aos outros e estão interligados a eles, por meio de reminiscências em comum.

### **As reminiscências dos personagens como mola propulsora da construção narrativa**

As memórias dos personagens são fatos que auxiliam na compreensão do fio narrativo, haja vista que a narrativa não é linear, já que cada personagem interrompe o fluxo narrativo cronológico para interpor, constantemente, um tempo psicológico que auxilia na elucidação da história contada. Assim, vários personagens utilizam-se do chamado “fluxo de consciência” ou monólogo interior, como forma de rememorar eventos ilustrativos da história da Revolução dos cravos

e da ditadura salazariana em si, e também de reminiscências acerca de um evento pessoal ou outro.

A personagem Dona Albertina<sup>3</sup>, governanta na casa do poderoso ministro Francisco, é uma das principais testemunhas do que ocorre nesse sítio chamado Palmela, no qual muitos encontros entre ele e integrantes do governo salazariano são observados minuciosamente por essa personagem, quem serve de elo entre o grupo de poder e o palco onde se reúnem frequentemente para tomarem decisões políticas. Como neste exemplo em que ela detalha o que ouve dos integrantes do governo que estão reunidos com seu patrão Francisco e inclusive este pede conselhos a ela:

[...] e até à noite, já sem se distinguirem nas trevas, distribuíam pastas, secretarias, em baixadas, comendas, direções gerais, esquadrejando Portugal entre si como um borrego, com o velhote a insistir numa teimosia férrea – Não me vou daqui sem as Finanças [...] ele que pregara o mapa do país no escritório, a somar distritos, a somar quartéis, a somar deputados, a inventar um código de mensagens secretas (...) solicitando-me a aprovação de olho a luzir –O que achas Titina? (ANTUNES, 1998, p. 149).

Em um dos relatos, Albertina (conhecida como Titina) faz referência a uma manhã de abril em que Marcelo Caetano visita o ministro Francisco, com o objetivo de contornar a crise provocada pela sua indicação à presidência do Conselho de Ministros, visando substituir Salazar, após este sofrer um derrame cerebral em 1968, ficando dessa forma, impossibilitado de exercer o poder, até falecer em 1970. Nessa passagem, já percebem-se indícios da perda do poder de Francisco. É a revolução dos cravos, de 74, a qual representa o final da trajetória do poder ditatorial:

Que história é essa homem que diabo de história é essa? e o relógio da cozinha soou uma porção de badaladas e portanto amanhecia. Não me lembro que dia era e todavia estávamos em abril dado existirem gralhas novas no pomar e laranjeiras com pontinhos brancos, o

---

<sup>3</sup> Exemplo de personagem com a noção ricoeuriana de “próximo”. Ela é bem próxima do ministro Francisco e por isso suas lembranças possuem um relevante teor para narrativa.

senhor doutor deixara o ministério zangado com o professor Caetano que visitara uma ou duas ocasiões a quinta para o convencer a voltar, recebido não na sala do piano, com a fotografia da rainha a assistir à conversa, mas no quarto ao lado, mais pequeno, quase sem móveis, no qual dava ordens ao caseiro, ao tratorista e ao padre após a missa (ANTUNES, 1998, p. 147).

Ou seja, há uma mistura de personagens fictícios, como Francisco, e reais como Marcelo Caetano e Salazar. Estes integrantes do *status quo* que era, até então, a ditadura portuguesa de Salazar. Lobo Antunes insere elementos reais que se fundem no enredo, como se cada um perdesse sua identidade (ficcional e histórica) para dar vazão a uma única "realidade".

Exemplo disso vemos através da personagem Milá. Ela descreve Salazar com uma fina ironia trazida por Lobo Antunes, posto que Milá resiste e se recusa a contemplar a realidade traumática, duvidando que ele seja um ditador frio e cruel, justamente por ter lembranças bem agradáveis sobre ele. A memória confronta e faz a pessoa duvidar porque ela teve uma certa vivência com o ditador e não acredita que ele tenha feito tantas coisas ruins:

O professor Salazar, que mandava no país inteiro, nos militares, na igreja, a fazer-me perguntas, a preocupar-se comigo, a achar-me graça, a oferecer-me torradas, refrescos, bolos de ovos, taças de morangos, o professor Salazar, de perninhas magras juntas, com um guardanapo nos joelhos, a pedir-me que lhe falasse da Praça do Chile, da minha mãe, da loja, o professor Salazar a tratar-me por senhora (...) o professor Salazar que eu não acreditava que prendesse pessoas, as mandasse torturar, as embarcasse nos paquetes de África para morrerem de mordeduras de cobras venenosas, o professor Salazar tão prestável, tão delicado, tão atencioso, a pegar-me na mão com a mãozinha lenta, uma mãozinha insegura de menina, o professor Salazar, se eu me calava, a suplicar-me que continuasse, interessadíssimo [...] o professor Salazar incapaz de prejudicar fosse quem fosse [...] lamentando-se da falta de compreensão dos americanos, dos ingleses, do Papa, um ingênuo sem noção das realidades que os bispos comunistas enganavam lá em Roma, a proteger os pretos de Angola que matavam brancos à facada [...] (ANTUNES, 1998, p. 304-305).

Neste viés, o autor utiliza-se de um contexto real (ditadura de Salazar e Revolução dos Cravos), vivida num plano ficcional (família do patriarca Francisco) a fim de representar a sociedade moderna portuguesa, em meio às constantes mudanças governamentais de Portugal. Acaba por transformar experiências individuais em experiências coletivas, sempre com esse tom de rememoração que parte de um dos personagens para elucidar o testemunho coletivo do que estavam vivenciando. O trecho seguir denota o momento em que explode a Revolução dos Cravos:

[...] até que uma noite uma das minhas cunhadas me acordou aos berros como se a estrangulassem – Os russos tomaram Portugal Sofia se a menina não acredita ligue o rádio [...] o senhor prior já cá está escondido [...] e o que se escutava na telefonia eram marchas militares e canções sobre o povo e a liberdade e a falta de pão [...] (ANTUNES, 1998, p. 62).

Portanto, as experiências individuais vivenciadas e lembradas pelas personagens são a expressão das experiências vividas por toda a nação portuguesa naquele momento histórico. As personagens do romance chegam a ser caricaturais, em que a ironia torna-se um elemento recorrente, representando determinada classe social que ocupam e, mais do que isso, concebendo determinados comportamentos ou posturas frente aos fatos experimentados. “O manual dos inquisidores” é um romance que busca testemunhar, em prol de elucidar eventos traumáticos da ditadura salazariana e da Revolução dos Cravos, e Lobo Antunes sabe que o discurso literário impossibilita que as memórias vividas sejam exatamente as mesmas escritas. É por isso que Beatriz Sarlo nos relembra:

O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o “real”) com o verbal (SARLO, 2007, p. 46).

O ato de testemunhar justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no “real” para apresentá-lo. Mesmo que para isso ele precise da literatura. Lobo Antunes logrou captar a essência do

testemunho na medida em que explorou a linguagem literária como foi possível, para atestar a verossimilhança que separa o fato vivido do narrado.

## **Referências**

ANTUNES, António Lobo. **O Manual dos Inquisidores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

*Recebido em: 10/07/2017*

*Aceito em: 08/08/2017*